



*Dois "compadres", um de cada lado da vila "assistem" à queima da "comadre" e de um outro "compadre"*

## CASAMENTOS DE CARNAVAL

A tradição é muito antiga e a autarquia de Armamar está a tentar reavivá-la. Tratam-se dos Casamentos de Carnaval, que vão acontecer amanhã, sábado, em frente ao edifício da Câmara depois das 21h00. De acordo com os organizadores, a Universidade Sénior e o Filhos do Vento, grupo de teatro de Armamar, trata-se do reavivar de uma tradição antiga no concelho. Dois "compadres", um de cada lado da vila "assistem" à queima da "comadre" e de um outro "compadre".

O espetáculo é de fogo de artifício e representa, de uma forma mundana, os casamentos das solteiras, comadres e viúvas com os compadres. Esta festa já esteve muito enraizada nas freguesias mas a autarquia quer trazer a festa para a sede do concelho, explicou o presidente da Câmara, João Paulo Fonseca.

Mas o Carnaval de Armamar começa hoje, com o desfile das crianças das escolas pelas ruas da vila. Para amanhã está também programada outra atividade original: o Hidro Carnaval, ou seja, uma celebração do Carnaval nas piscinas municipais de Armamar. Quem levar máscara para a piscina durante o dia não paga entrada naquele equipamento.

## TEMPO PARA ARRELIAR O POVO

As festas carnavalescas começam, normalmente, no domingo magro, estendem-se pelo domingo gordo e terminam na noite de terça-feira de Carnaval. Aos grandes eventos com carros alegóricos, música e desfiles de máscaras dos tempos modernos, as manifestações de antigamente consistiam em iniciativas menos vistosas, mas que juntavam, normalmente nos largos das aldeias, toda a população. Era o tempo das brincadeiras que arrelhiavam as pessoas. O tempo em que se podia fazer e dizer tudo porque, afinal, era "carnaval e ninguém levava a mal". O inspetor Lopes Pires recorda-se, por exemplo, de alguns costu-

mes que já caíram em desuso como o de atirar uma bexiga de porco cheia de ar ou púcaros de barro cheios de bugalhos secos para dentro da casa das pessoas. "As brincadeiras faziam-se na calada da noite e a ideia era pregar um grande susto àquelas gentes", lembra, acrescentando que tudo começava no domingo magro, estendia-se até ao domingo gordo e depois terminava no Dia de Carnaval com os bailes e com as pessoas a virem para a rua mascaradas. "Lembro-me que havia um indivíduo que vinha para a rua vestido com as coisas mais curiosas e inusitadas. Usava um grande penico em barro ou esmalte e lá dentro tinha vinho branco e pedaços de chouriça. Conforme ia andando, desafiava as pessoas a provar

o seu petisco. Era uma brincadeira que me impressionava", conta.

Para o inspetor, o entrudo de outros tempos tinha tradições com um objetivo bem específico: a luta dos sexos. "Tudo quanto se fazia era para se juntarem os rapazes e as raparigas que durante todo o ano, pelas convenções sociais, não podiam estar juntos a não ser às escondidas".

"Hoje o Carnaval tem uma outra função que é a de fruição de um espetáculo organizado", conclui.

Madalena Soares, de 67 anos, também recorda os entrudos de quando era nova. Um dos momentos mais aguardados era a altura de "deitar aos cabaços". "Os rapazes pegavam em cabaços, iam para os sítios mais altos da aldeia

e durante a noite começavam a berrar os 'podres' das pessoas que iam descobrindo durante o ano", relata. "Às vezes sabia-se mais do que se devia, mas normalmente era a dizer que fulano andava com sicrano ou que determinada pessoa tinha ido roubar fruta, etc... coisas menos inocentes, mas sempre a dizer mal uns dos outros".

Para as raparigas e rapazes solteiros, o ritual das comadres e dos compadres era outra altura aguardada. "Faziam uma lista com os nomes dos rapazes e das raparigas solteiras e depois diziam quem é que ia rezar com quem. Até à Páscoa, sempre que esse rapaz e rapariga se viam tinham que deitar a reza. O último a deitar ganhava as amêndoas", conta Madalena Soares.